

EM TORNO DA METAFÍSICA DA SAUDADE DE TEIXEIRA DE PASCOAES

1. Ao procurar fazer o que, dois séculos mais tarde, D. Francisco Manuel de Melo chamaria “a anatomia de um afecto”, o rei D. Duarte, nesse subtil e existencial tratado de antropologia e ética que é o *Leal Conselheiro*, analisando o sentimento saudoso tal como se exprimira, liricamente, nos cancioneiros medievais ¹, foi o primeiro que o considerou de um jeito reflexivo, iniciando uma das duas correntes fundamentais da *filosofia da saudade*, a que se concentra no que Afonso Botelho, pertinentemente, designou por *fenomenologia da saudade*, já que o objecto da sua indagação é o próprio sentimento saudoso enquanto tal, seus elementos constitutivos e seu singular significado afectivo e valor ético.

No séc. XVI, sobretudo através da poesia de Camões e frei Agostinho da Cruz, da *Castro* e da *Menina e Moça*, a expressão literária da saudade conhece novas dimensões humanas, cósmicas e divinas, que irão encontrar o seu equivalente especulativo na centúria seguinte, na reflexão de D. Francisco Manuel de Melo, que, pela primeira vez, soube surpreender e compreender o seu sentido metafísico e transcendente, definindo ou delineando, em superior e depurada síntese, os tópicos essenciais da *ontologia da saudade* ², ao mesmo tempo que a Duarte Nunes de Leão foi dado encontrar a fórmula lapidar que condensasse, numa breve definição, o resultado da analítica do sentimento saudoso levada a cabo pelo rei Eloquentes, ao dizer ser ela “lembrança de alguma cousa com desejo dela”. ³

¹ *Leal Conselheiro*, cap. XXV.

² *Epanáforas de Vária História Portuguesa*, Epanáfora Amorosa III, 1666.

³ *Origem da Língua Portuguesa*, cap. XXI, 1606.

Enquanto o século barroco nos legou estas duas sínteses fundamentais acerca da saudade, a que haverá que associar o grande sonho escatológico e histórico-metafísico do V Império de António Vieira, o ciclo iluminista e arcádico, se, no campo poético, lhe deu expressão de algum valor na lírica de Tomás António Gonzaga e na *Castro* de Domingos dos Reis Quita, em contrapartida, não lhe dedicou qualquer cuidado reflexivo, por o conceito de razão, de acanhada base sensista, que o caracterizou, tender a circunscrever a análise ou a consideração do sentimento ao domínio ético das paixões, ignorando o seu significado psicológico e o seu valor como via de conhecimento.

Por seu turno, o nosso romantismo, que se iniciou sob o signo e a evocação da saudade, tornando-a, assim, o sentimento romântico por excelência, não lhe dedicou, contudo, particular atenção, para além das breves reflexões sobre a natureza ou o conteúdo do sentimento saudoso de Silvestre Pinheiro Ferreira e Garrett, nas quais como que se fundem e sintetizam as interpretações de D. Duarte e D. Francisco Manuel de Melo, quando o especulativo das *Prelecções Filosóficas* vê nela a expressão de um triplo sentimento de amor, desejo e pesar⁴ e o autor de *Camões* a entende como sentimento ou pensamento da soledade e desejo do ausente solitário⁵, modos da saudade que a poesia de oitocentos, de Garrett a António Nobre, abundantemente ilustrará.

Será preciso esperar pelo início da segunda década do século XX para, com Pascoaes e Leonardo Coimbra, a *metafísica da saudade* vir a conhecer as suas primeiras grandes sínteses especulativas, paralelas no tempo do movimento poético saudosista teorizado pelo mesmo Pascoaes e corporizado no superior lirismo de poetas como Mário Beirão, Afonso Duarte, António Correia de Oliveira, Jaime Cortesão, Afonso Lopes Vieira, Augusto Casimiro ou João Lúcio, a que, na geração seguinte, viriam juntar-se Américo Durão, Anrique Paço d'Arcos e Domingos Monteiro.

Se, até à geração da *Renascença Portuguesa*, a reflexão filosófica sobre a saudade foi descontínua, conhecendo longos hiatos ou suspensões de séculos, a partir daquela registará significativa continuidade, vindo, desde meados da passada centúria, a ser acompanhada ou a ter eco na vizinha Galiza (Ramón Piñeiro, Rof Carballo, D. Garcia

⁴ *Prelecções Filosóficas*, 16ª prelecção, 550, 1813.

⁵ *Camões*, nota à 2ª edição, 1839.

Sabell, Daniel Cortezón, Andrés Torres Queiruga) ⁶ e, mais recentemente, também na filosofia brasileira (Miguel Reale). ^{7,8}

2. A adequada compreensão da metafísica da saudade do autor de *Verbo Escuro* exige que nos detenhamos, ainda que de modo necessariamente breve, a considerar os aspectos fundamentais do pensamento poético-filosófico de Pascoaes, ou melhor, o seu pensamento filosófico expresso em termos ou sob forma poética.

Assim, cumpre, desde logo, recordar que, sem prejuízo do que nele há de muito pessoal e próprio, em tal pensamento confluem, por um lado a concepção, proposta e perfilhada por Sampaio Bruno, de que a origem do mundo e a irrefragável realidade do mal só poderiam explicar-se pelo mistério da queda ou da cisão divinas, que teria feito de Deus um Deus actualmente diminuído, onisciente mas não onipotente, e não pela ideia de criação *ex nihilo*, concepção associada, porém, em Pascoaes, a um como que *retornismo ascendente*, na linha de Amorim Viana, e segundo o qual a reintegração da unidade originária ou o “regresso ao Paraíso” não seria definitivo nem poria termo à tragédia do ser, pois lhe sucederia uma nova queda ou cisão, numa série indefinida e, porventura, ascendente de quedas e regressos, e por outro, um evolucionismo espiritualista próximo do de Junqueiro, bem como a contraposição entre arianos e semitas que tão grande importância assumira na obra e no pensamento histórico-cultural de Oliveira Martins e Basílio Teles, contraposição que, no poeta de *Marânus*, não exclui a complementaridade, antes a exige ou supõe.

Com efeito, a visão da saudade e do saudosismo como expressão essencial do espírito português, primeira, mais imediata e directa manifestação do pensamento saudosista de Pascoaes, assenta na ideia de que naquele se fundiram os caracteres ariano e semita, o paganismo e o cristianismo, provindo deste casamento ou desta união o sentimento que define o génio galaico-lusitano. Neste plano, a saudade

⁶ Ver A. Braz Teixeira, “A saudade no pensamento de Rof Carballo”, *Grial*, nº 137, Vigo, 1998 e “Rumos da filosofia galega da saudade”, *Nova Renascença*, nº 72-73, Porto, 1999.

⁷ Ver A. Braz Teixeira, “Miguel Reale, filósofo da saudade”, *Revista Brasileira de Filosofia*, nº 207, São Paulo, 2002.

⁸ Ver A. Braz Teixeira, “Introdução à filosofia da saudade”, *Nova Renascença*, nº 41, Porto, 1991.

aparecia ao Pascoaes de 1912 como “o desejo da coisa ou criatura amada, tornado dolorido pela ausência. É o desejo e a dor fundidos (...). Mas a Dor espiritualiza o Desejo, e o Desejo, por sua vez, materializa a Dor (...). Pelo Desejo, a saudade descende do sangue ariano e pela Dor, do sangue semita (...). Pelo *Desejo*, em virtude da própria natureza do Desejo, a saudade é também Esperança e pela *Dor* é Lembrança”.⁹

A saudade, assim compreendida, identificar-se-ia, então com a alma ou “o espírito lusitano”, pelo que seria através dela que o génio português encontraria a sua mais genuína expressão poética, filosófica e religiosa¹⁰, sendo, por isso, também ela que deveria constituir o fundamento da “arte de ser português”.¹¹

Tendo, embora, essa dimensão nacional ou particular, enquanto substância da alma ou do espírito português, a saudade, na medida em que é a síntese espiritual do Desejo e da Dor, é também a Tristeza e a Alegria, a Luz e a Sombra, a Vida e a Morte, e, quando ampliada à Natureza ou na sua dimensão ou projecção cósmica, seria “a própria alma universal, onde se realiza a unidade de tudo quanto existe”,¹² o que significaria que teria um primordial e originário sentido ontológico, metafísico e transcendente, que Pascoaes procurou surpreender e definir na sua obra poética e reflexiva.

3. Ao fazer da lembrança e do desejo os dois elementos que, fundidos, constituem a saudade, o autor de *O Homem Universal* vinha a coincidir com a definição que dela haviam dado o rei D. Duarte e Duarte Nunes de Leão, assim como, ao afirmar que o sentimento saudoso é “o desejo da coisa ou criatura amada, tornado dolorido pela ausência”, acolhia a concepção de D. Francisco Manuel de Melo, quando este considerava o amor e a ausência “os pais da saudade”.

Esta coincidência ou convergência do pensamento saudosista de Pascoaes com aqueles três autores se, numa primeira instância, se afigura inegável, numa mais atenta consideração reflexiva não pode deixar de revelar-se mais aparente do que real, uma vez que, como

⁹ *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*, Porto, 1912.

¹⁰ *O Génio Português na sua Expressão Filosófica, Poética e religiosa*, Porto, 1913.

¹¹ *Arte de ser Português*, Porto, 1915.

¹² *O Espírito Lusitano* cit.

acabámos de ver, o poeta-filósofo vinha a subverter ou transmutar aquelas noções ou aquele conceito, ao elevá-los do domínio meramente pessoal ou subjectivo em que, enquanto sentimento, a anterior reflexão os considerava, ao mais alto plano cósmico e transcendente, não só quando afirmava que a saudade “é a própria alma universal, onde se realiza a unidade de tudo quanto existe”, como ainda ao dizer que ela “é a Lembrança e a Esperança casadas e excedidas num além de misteriosa ansiedade”.

Tal ideia ou visão era esclarecida ou desenvolvida pelo poeta das *Sombras*, quando acrescentava que “as coisas e os seres vivem mais na nossa memória que diante dos nossos olhos”, pois “existir é ser lembrado e, para ser lembrado, é preciso amar”.

Para o inspirado autor de *Sempre*, “só o amor cria a substância imperecível em que a nossa imagem se desenha”, sendo, por isso, o amor “a matéria prima do Espírito”, “a união da esperança à lembrança, do espírito divino às suas formas decaídas ou materiais”, o que equivale a afirmar que tudo é criação da saudade. Vincando esta mesma ideia, Pascoaes sustentará ainda que o universo, porque é a infinita lembrança da esperança, vem a constituir a expressão cósmica da saudade.

4. Embora admitisse que “Deus está na origem de tudo” e que o ser divino era misterioso e inexplicável, pois o mistério era a sua própria razão de ser, motivo pelo qual, “na origem, tudo é mistério”, Teixeira de Pascoaes pensava que a imperfeição é eterna, como o são a dor e o amor, sendo, por isso, Deus não um absoluto mas tão só um quase absoluto ou um absoluto apenas esboçado. Com efeito, no pensamento do poeta-filósofo do Marão, era na dor e no mal que se encontrava a origem de tudo, sendo a criação uma obra necessariamente imperfeita, que, tal como para Sampaio Bruno, lhe aparecia como uma queda divina, como um crime ou um pecado do Criador, que exigia ser expiado ou redimido.

Assim, para Pascoaes, a criação seria obra de um Deus diminuído e, de certo modo, impotente ou não onipotente, e não de um Deus absoluto, consistindo num movimento divino de dentro para fora de si, uma objectivação de Deus, que viria a traduzir-se na transformação de um princípio espiritual, que era o ser divino, num corpo material, o cosmos ou o universo, que, por isso, se apresentava de natureza divina, mas decaída ou imperfeita.

Por outro lado, segundo o autor de *Regresso ao Paraíso*, a criação não deveria entender-se como o tirar do Nada algum ser ou alguma

coisa, mas como o tirar alguma coisa de outra, equivalendo, por isso, a *revelar*, a fazer surgir o *novo*, a partir de uma substância anterior, realizando uma possibilidade que nela, de algum modo, já existia mas estava como que oculta ou latente.

A criação, assim entendida, obedece a um fim ou a um desígnio divino, a uma teleologia transcendente, não se apresentando como algo de estático, definitivo ou concluído num passado remoto, configurando-se, antes, como uma realidade dinâmica e em devir, através do processo evolutivo, que torna presente o mistério da origem.

Vinha a ser, então, neste singular conceito de criação que radicava o evolucionismo de Pascoaes, para quem o vegetal, o animal e o espiritual eram sucessivas revelações forçadas da alma, a qual, porque é excedência de uma forma viva e mais antiga pelo corpo, é criadora e reveladora de Deus, que, por seu intermédio, de criador material se torna criatura espiritual.

Aqui se fundava a paradoxal conclusão do poeta-filósofo de que “Deus é a última criatura e o primeiro criador”, pois a criação é a queda, cisão ou pecado de Deus, pelo qual o ser divino se objectivou e tornou mundo e, de realidade espiritual, se desdobrou em realidade material. De igual modo, o homem não seria um ser modelado à imagem e semelhança do Criador, mas “a imagem da criação intimamente desenhada”.

Segundo o transformismo evolutivo de Pascoaes, o universo é de natureza espiritual, consistindo num complexo de forças que, de físico-químicas, se tornam bio-psicológicas, a partir de um princípio espiritual, seguindo um processo auto-criador que culmina no homem, cuja actividade espiritual faz dele a síntese consciente e emotiva do universo em ascensão perpétua para Deus, cabendo-lhe a superior missão de “concluir a imperfeita criação que Deus iniciou”, de ser o “redentor das coisas” e de “emendar a obra de Jeová”. Pensava, no entanto, o nosso poeta-filósofo que a cada redenção humana sucede uma nova criação divina, num retornismo ascendente, espiralado e sem termo, em que o homem “é o Eden carnal de um novo Adão espiritual”.¹³

5. Mas porque o homem, enquanto criatura, é o remorso ou o arrependimento do Criador, experimenta em si, também, esse arrenpen-

¹³ *Verbo Escuro* (1914), ed. *Obras Completas*, vol. VII, Lisboa, s/d, pp. 124-125 e *O Homem Universal*, Lisboa, 1937, pp. 25, 92, 184, 189 e 202.

dimento, que, do mesmo passo que é a causa transcendente do sentimento religioso, se manifesta como saudade dramática da sua origem divina, de Deus ainda em si, todo contido no primeiro ímpeto genesíaco, anterior à sua objectivação pecaminosa e cisiva.¹⁴

Nesta visão metafísica radicava a concepção da saudade de Pascoaes, como “lembrança de uma remota perfeição, vivida talvez em outro mundo, animada pelo desejo de uma nova Perfeição”, na qual se cruzam o criado e a criação, o mal, de origem divina, e o bem, de origem humana, razão pela qual ela era a essência do Cosmos e a alma do mundo. Seria, pois, pela actividade saudosa da alma, síntese dinâmica de lembrança e desejo, que a criação, Deus decaído, readquiriria a plenitude divina, assim se consumando o *Regresso ao Paraíso*.

A visão metafísica da saudade, como lembrança ou memória de uma anterior e originária perfeição, vivida porventura num mundo diverso do actual, se, por um lado, parece revelar alguma relação do pensamento pascoaesiano com a reminiscência platónica, por outro, retoma, claramente, a ideia expressa pelo autor da *Epanáfora Amorosa*, quando este sustentou ser a saudade “um desejo vivo, uma reminiscência forçosa, com que apeteçemos espiritualmente o que não havemos visto jamais, nem ainda ouvido, e temporalmente o que está de nós remoto e incerto”.

De uma perspectiva ortodoxamente cristã, bem diversa do pensamento heterodoxo de Pascoaes, o pensador seiscentista havia também afirmado que a saudade é “parte do natural apetite de união de todas as coisas amáveis e semelhantes”, tendo a sua origem na falta que procede da divisão de tais coisas, entendimento que, embora com outro fundamento, não deixa também de convergir, significativamente, com o do autor de “*Terra Proibida*”, pois que ambos vêm a referir o sentido último da lembrança ou memória saudosa a uma originária unidade ontológica, que terá dado lugar a uma divisão e a uma multiplicidade de seres, que anseiam por regressar ou recuperar essa perdida unidade primeira e o mais perfeito estatuto ontológico que lhe era próprio.

Cabe notar ainda que, tanto o pensador barroco como o poeta-filósofo do Marão, claramente distinguem, na saudade, a sua mais

¹⁴ *São Paulo*, Porto, 1934, pp. 16-18 e *São Jerónimo e a Trovoada*, Porto, 1936, p. 23.

imediate, concreta e singular expressão quotidiana e humana, a sua dimensão cósmica e a mais elevada e transcendente saudade, cujo objecto é o próprio ser divino.

6. No pensamento de Pascoaes, e no que ao homem respeita, a saudade apresenta uma dupla dimensão, psicológica e puramente sentimental, uma, metafísica, a outra. Com efeito, enquanto sentimento, a saudade é, como vimos, uma síntese de memória ou lembrança e de desejo ou esperança, envolvendo, por isso, ao mesmo tempo, uma dolorida evocação ou presentificação criadora do passado e um elemento futurante, referidos, um e outro, a pessoas e situações concretas e singulares.

Na visão do cantor de *Marânus*, não se esgota, porém, aqui o conteúdo ou o sentido da saudade, já que ela tem, na sua origem, a lembrança de um estado anterior da espécie humana, aquele que precedeu a criação, em que o homem era ainda apenas uma possibilidade indistinta, contida na primitiva unidade originária do Espírito divino, visando, de igual modo, o desejo ou a esperança que é seu elemento dinâmico a recuperação ou a reintegração dessa unidade primigénea, anterior à queda divina que é a criação do homem e que este está destinado a resgatar ou redimir. Como escreveu, em 1913, “é pela Saudade que o homem se lembra do ser espiritual que foi”, pois “ela põe a nossa vida em contacto com as remotas vidas que vivemos outrora, e também com as vidas futuras que virão pôr termo à nossa morte”.¹⁵

Por seu turno, é também o impulso saudoso ou a saudade cósmica o princípio espiritual que está na raiz do movimento teleológico que preside e ordena a evolução dos seres e os faz ascender do mineral ao homem, num processo auto-criador que tende a espiritualizar a matéria, resgatando-a da queda que é toda a criação e fazendo-a regressar ao seio originário do Espírito divino, restituindo-lhe, assim, a sua perdida e originária plenitude, já que “o cosmos é o corpo da saudade”.¹⁶

Referida ou considerada no ser divino, a saudade revela ou desvela a sua face mais sagrada e transcendente, pois é a saudade no próprio Deus, memória abissal do seu pecado criador e da onnipotência

¹⁵ *O Génio Português, cit.*

¹⁶ “Da Saudade”, na *Revista Portuguesa de Filosofia*, tomo XXIX, 1973.

perdida, e desejo, igualmente, abissal, de recuperá-la, num regresso que, no entanto, só com a colaboração do homem pode conseguir-se.

Na verdade, embora o homem seja o Pecado divino, tem como missão interpretar e definir o indefinido e concluir a imperfeita criação que Deus iniciou, corrigindo a Natureza, acrescentando o sobrenatural ao natural, redimindo o Deus caído e libertando-o de Satã, para que a Natureza volte a ser “um Paraíso, um Éden amoroso” e se realize ou se reintegre em cada homem o seu originário ser adâmico e se cumpra o Reino de Deus, que Pascoaes concebia como o desenlace da tragédia divina, o final Reino da Esperança, em que existem Deus, a ressurreição e a salvação.¹⁷

7. Se bem que na filosofia da saudade de Leonardo Coimbra e na sua noção de *memória inventiva* seja, igualmente, clara, ainda que implícita, a distinção entre os três níveis humano, cósmico e divino do sentimento e do fenómeno saudosos, assinaláveis diferenças separam, contudo, aqui como no mais, o pensamento das duas máximas figuras da *Renascença Portuguesa*, como, aliás, o filósofo de *A Alegria, a Dor e a Graça* não deixou de vincar no esclarecedor prefácio que escreveu para a 2ª edição de *Regresso ao Paraíso* (1923).

O filósofo criacionista formulou aí importantes objecções críticas ao pensamento poético-filosófico do seu amigo e companheiro, em especial quanto à noção de infinito, ao evolucionismo e ao retornismo que entende estar subjacente no final daquele superior poema narrativo e metafísico.

À ideia evolucionista da unidade do ser perfilhada por Junqueiro e Pascoaes opõe Leonardo a sua concepção da pluralidade ontológica, assim como a evolução regressiva, que na morte encontra a sua mais dramática e brutal manifestação; à noção do falso infinito, funesto equívoco do pensamento moderno, de que o poeta-filósofo seria também presa, contrapõe a noção de *indefinido*, que, tal como Cunha Seixas já advertira, seria mais adequada do que aquela para designar ou referir o domínio do indeterminado ou do meramente possível; ao retornismo, que o filósofo criacionista pensa ser ainda uma concessão

¹⁷ *Para a Luz*, Porto, 1904, pp. 100 e 117, *A Caridade*, Porto, 1922, p. 5, *O Homem Universal*, pp. 8 e 201, *São Paulo*, pp. 14, 27, 76 e 312, *Duplo Passeio*, Porto, 1942, pp. 79 e 95 e *Santo Agostinho*, Porto, 1945, pp. 251, 282 e 318.

ou uma consequência do mesmo enganoso infinito, objectará, no seu optimismo metafísico, que, contrariamente ao que Pascoaes parece admitir, ao homem será permitida “a reintegração em Deus”, o definitivo e final *regresso ao Paraíso*, “a perfeita convivência das almas no puro amor da Consciência divina”.

Consequente com este seu ponto de vista metafísico, de crescente sinal cristão, Leonardo, aceitando, embora, com Pascoaes e a tradição especulativa anterior, que a saudade se compõe de *lembrança* e *desejo*, observava, porém, ser necessário considerar nela duas dimensões ou duas formas, a *imanente* e a *transcendente*. Enquanto a primeira se manifesta no desejo de possuir os mundos e os seres que o homem vai perdendo nos caminhos da vida, a segunda, revelada pelo conhecimento científico, pelo saber filosófico e pela religião, mostra ao homem que é um viajante desta vida em busca da verdadeira Pátria de que foi expulso em “consequência da sua vontade contra a união amorosa com o Deus criador” assumindo, assim, a saudade a dimensão de humana saudade de Deus.

8. No pensamento criacionista leonardino, se a saudade é, pois, de raiz antropológica, se é saudade humana de Deus, do Eden ou do Paraíso Perdido, não deixa de ter, também, uma dimensão cósmica, parecendo admitir o filósofo portuense que há na Natureza algo equivalente ou análogo ao humano sentimento saudoso, já que a matéria se lhe apresenta como “a alma mais afastada de Deus” havendo, por isso, uma “saudade que repassa a Natureza em queda”, a qual é, nos seres, o sentimento de ir a caminho de uma maior presença da permanente invenção do Amor que é Deus.

Quanto à dimensão divina da saudade ou à saudade em Deus, a uma primeira análise afigura-se dever ser ela excluída pelo pensamento criacionista de Leonardo Coimbra, por uma dupla razão. Por um lado, porque sendo, para ele, a saudade sempre um sinal da menor presença do Espírito, de uma carência, de um deficiente amor, nunca poderia existir num Deus que é o Infinito Amor, a plena luz do Espírito criador e activo, unidade perfeita que garante a harmonia e a pluralidade dos seres que para ela convergem; por outro lado, na sua tripla dimensão temporal, a saudade nunca poderia ser num Deus que é eterno presente e para quem, consequentemente, não pode existir a fragmentação do tempo, nem haver lembrança gerando desejo, já que é a total memória e a plenitude do ser.

Em contrapartida, porém, e apesar de recusar com energia, em evidente oposição a Bruno e Pascoaes, que o Universo seja uma queda divina, pensando, pelo contrário, que Deus é o Espírito na sua plenitude, a absoluta realidade do Amor que une sem separar e garante a unidade que é o centro ideal e vivo da realidade, o autor de *A Luta pela Imortalidade* não deixa de entender que o Criador não pode ser sem as criaturas, dado que “não há Deus sem almas, nem almas sem Deus”¹⁸, pelo que “o mundo sem Deus pára, Deus sem o mundo adormece”¹⁹, o que nos permite pensar que, na sua visão metafísica da saudade, Deus, se não fora Criador, sentiria saudade das criaturas que não havia ou que Deus cria para não ter saudade ou por causa da saudade, isto é, que também para o ser divino a saudade tem fundo sentido, sendo o sublime e amoroso motor que o move à criação.²⁰

Deste modo, parecendo admitir, como o autor de *Duplo Passeio*, que há uma saudade divina ou uma saudade em Deus, o filósofo dá-lhe muito diferente significado, devido ao também diverso fundamento metafísico do seu pensamento criacionista e à igualmente diversa ideia de Deus que o sustenta, de um Deus que é a absoluta e excedente força unitiva do Amor e não um deficiente Deus decaído ou imperfeito, presa do mal e da dor, que carece de ser redimido pela reintegradora, porque saudosa, acção do homem.

9. Uma breve pausa reflexiva se requer aqui, para procurar dilucidar uma questão de suma importância na filosofia da saudade, e, de modo particular, no pensamento de Pascoaes, a de saber em que medida a memória ou lembrança saudosa poderá identificar-se com a *reminiscência* platónica.

Com efeito, se, para pensadores como Leonardo Coimbra²¹, Joaquim de Carvalho²² e António Dias de Magalhães²³ uma substancial

¹⁸ *Do Amor e da Morte*, Porto, 1924.

¹⁹ *A Alegria, a Dor e a Graça*, Porto, 1916.

²⁰ Cfr. A. Braz Teixeira, “Criacionismo e saudade no pensamento filosófico de Leonardo Coimbra”, em *Didaskália*, vol. XVII, Lisboa, 1987.

²¹ “Sobre a Saudade”, em *A Águia*, III série n.ºs 11-12, Porto, 1923.

²² “Problemática da saudade”, nas *Actas do XII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, Lisboa, 1950.

²³ “Da História à metafísica da saudade”, em *Cidade Nova*, III Série, n.º 4-5, Lisboa, 1954.

diferença separa estas duas realidades espirituais, para outros, como D. Francisco Manuel de Melo²⁴ e Dalila Pereira da Costa²⁵, a memória saudosa identifica-se com a reminiscência do lugar e do tempo primordiais.

O filósofo criacionista, opondo-se à teoria platónica da reminiscência, segundo a qual “saber é recordar”, sustentava que é o pensamento individual que cria as categorias do pensamento e do conhecimento, consistindo o conhecimento do mundo sensível em inserir a alma imortal na mortalidade da matéria, iluminando-a com a serena Luz do Espírito, pelo que o conhecimento é sempre, fundamentalmente, uma obra da saudade, por nele se conjugar a memória e a actividade criadora do Espírito e do pensamento.

Por seu turno, para o mestre conimbricense, a diferença entre a saudade e a reminiscência platónica estaria em que o saudoso se encontra ou se coloca perante um mundo pessoal e vivido e não perante o mundo impessoal de ideias e formas objectivas, indiferentes e universalmente válidas, tendo, por isso, os objectos da saudade um valor real e não meramente conceptual ou explicativo, pois são algo existente ou que existiu fora ou independente do sujeito.

Por sua vez, para o pensador jesuíta, a distinção essencial entre a saudade e a reminiscência platónica encontra-se, por um lado, no facto de, diferentemente do que acontece na segunda, a primeira não implicar pré-existência e, por outro, em a saudade que o ser espiritual experimenta espontaneamente ser um sentimento indefinido e indiferenciado, que só de modo muito imperfeito e inadequado, por transposição analógica do termo, pode ser expresso como reminiscência universal da plenitude, uma vez que a lembrança saudosa, mais do que um acto particular de reminiscência, é a raiz ontológica desse acto.²⁶

Na linha doutrinal oposta, o autor da *Epanáfora Amorosa* definirá a saudade como “um desejo vivo, uma reminiscência forçada, com que apeteçemos espiritualmente o que não havemos visto jamais, nem ainda ouvido, e temporalmente, o que está de nós remoto e

²⁴ *Epanáforas de Vária História Portuguesa cit.*

²⁵ “Saudade, unidade perdida, unidade reencontrada”, em *Introdução à Saudade*, Porto, 1976.

²⁶ Cfr. A. Braz Teixeira, “António Dias de Magalhães, S. J., poeta-filósofo da saudade”, na *Revista Portuguesa de Filosofia*, vol. XLVII, 1991.

incerto". Ao afirmá-lo, o grande escritor barroco, do mesmo passo que, implicitamente, distingue entre a saudade cujo objecto é temporal, mundano e contingente e aquela cujo objecto é Deus ou o Paraíso Perdido, anunciando ou prefigurando a distinção que Leonardo Coimbra virá a fazer entre as duas dimensões ou as duas vidas, *imane*nte e *transcendente*, da saudade, parece identificá-la, em ambos os casos, com a *reminiscência* platónica.

Também a inspirada mística de *Encontro na Noite* vê a saudade como reminiscência ou memória do lugar e do tempo primordiais, que permite ao homem o acesso a um ser e a um conhecimento que já possuiu na idade adâmica ou paradisíaca, e que constitui a força que vence o efémero e o distante, unindo tempo e eternidade, o mundo natural ao mundo sobrenatural.²⁷

10. Aqui chegados, é o momento de tentar saber em qual destas duas linhas doutrinárias divergentes ou opostas se inscreve o autor de *Vida Eetérea*, se, acaso, nalguma delas se inscreve ou se a ambas acolhe, no seu pensamento de paradoxal ou complementar conciliação ou inclusão de contrários ou tidos como tais, de que a sua doutrina do *ateoteísmo* é o mais alto e singular exemplo.

Se tivermos em conta as diversas formas ou dimensões de que a saudade se reveste no pensamento poético-filosófico de Pascoaes, talvez devamos concluir que, relativamente à dimensão quotidiana e individual da saudade, à sua mais imediata expressão antropológica e à sua fenomenologia, à sua visão saudosista não repugnaria aceitar as pertinentes observações do seu amigo e inteligente e sensível exegeta Joaquim de Carvalho. Já, porém, quanto à raiz metafísica da saudade e às suas dimensões transcendentais, o inegável fundo neoplatónico ou priscilianista daquele mesmo pensamento parece permitir uma leitura que tenda, senão a identificar, pelo menos a aproximar, significativamente, a sua ideia da lembrança saudosa da *reminiscência* do filósofo grego como, igualmente, de remota ou indirecta filiação platónica poderá, porventura, apresentar-se o fundo do seu retornismo, não podendo, contudo, perder-se nunca de vista que o sistema poético-filosófico do genial lírico da *Elegia do Amor* constitui uma construção

²⁷ Cfr. A Braz Teixeira, "A reflexão sobre a saudade na obra de Dalila Pereira da Costa", em *Dalila Pereira da Costa e as raízes matriciais da Pátria*, Lisboa, 1998.

peçoal, original e inspirada e que Pascoaes foi, talvez, depois de Camões, a mais alta e transcendente encarnação poético-metafísico da língua portuguesa e aquele que mais elevava expressão literária soube dar à saudade e ao saudosismo.

António Braz Teixeira